

Modos de interação linguística da díade mãe-criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA) usuária de CSA

Modes of linguistic interaction between mother-child dyad with autism spectrum disorder (ASD) AAC user

Modos de interacción lingüística de la díada madre-hijo con Trastorno del Espectro Autista (TEA) usuaria de CAA

Thais Correia Piccoli¹ 

Regina Yu Shon Chun¹ 

Resumo

Introdução: As principais características do Transtorno do Espectro Autista (TEA) constituem déficits na comunicação, interação social, padrões de comportamentos, atividades e interesses restritivos e repetitivos. Crianças com TEA, oralidade restrita, podem se beneficiar da Comunicação Suplementar e Alternativa (CSA) para favorecer a linguagem, sendo as mães, principais parceiras de comunicação. Interessa estudar, os aspectos que favorecem ou não a linguagem destas crianças. **Objetivo:** Analisar os modos enunciativos das díades mães-crianças com TEA, oralidade restrita e usuárias de CSA. **Material e Método:** Clínico, descritivo e transversal aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob n. 47884421.10000.540, três mães e suas crianças com TEA, oralidade restrita e usuárias de CSA. Solicitados dois vídeos de interação livre da díade mãe/criança e transcritos pelo software Elan e à análise estatística. Estabelecidas categorias de análise. **Resultados:** Existe diferença estatisticamente significativa entre os modos enunciativos das díades quanto ao número de ocorrências para as mães e para as crianças. Modos enunciativos de maior frequência das mães foram “*ser flexível*”, mudando *e/ou adaptando a forma e o conteúdo dirigido às crianças* e “*presumir competência*”, através da atribuição de significado, utilizando

¹ Universidade Estadual de Campinas – Unicamp, SP, Brasil.

Contribuição dos autores:

TC: concepção do estudo; metodologia; coleta de dados; esboço do artigo.

RYSC: concepção do artigo; revisão crítica e orientação do estudo.

Email para correspondência: thaispiccoli1@gmail.com

Recebido: 31/03/2025

Aprovado: 04/08/2025

a fala, as quais geraram maiores frequências de respostas das crianças. **Conclusão:** Modos enunciativos mais utilizados pelas mães estudadas corresponderam também aos modos que promoveram mais respostas das crianças, favorecendo linguagem, importante subsídio para o atendimento terapêutico. Os achados aproximam as mães do esperado para bons parceiros de comunicação, que corrobora a hipótese do acompanhamento fonoaudiológico ter contribuído para conscientizar as mães.

Palavras-chave: Transtorno do Espectro Autista; Relações Mãe-Filho; Linguagem Infantil; Comunicação Não-Verbal; Fonoaudiologia.

Abstract

Introduction: The main characteristics of Autism Spectrum Disorder (ASD) are deficits in communication, social interaction, patterns of behaviors and restrictive and repetitive activities and interests. Children with ASD, restricted orality, can benefit from Augmentative and Alternative Communication (AAC) to promote language, with mothers being the main communication partners. It is interesting to study the aspects that favor or not the language of these children. **Objective:** Analyze the enunciative modes of mothers-children's dyads with ASD, restricted orality and AAC users. **Material and Method:** Clinical, descriptive and cross-sectional study approved by the Research Ethics Committee (REC) under no. 47884421.10000.540, three mothers and their children with ASD, restricted orality and AAC users. Two videos of free interaction of the mother/child dyad were requested and transcribed by Elan software and statistical analysis. Analysis categories were established. **Results:** There is a statistically significant difference between the dyads' enunciative modes regarding the number of occurrences for mothers and children. The most frequent enunciative modes for mothers were *"being flexible"*, changing and/or adapting the form and content addressed to children, and *"presuming competence"*, through the attribution of meaning, using speech, which generated higher frequencies of responses from children. **Conclusion:** The enunciative modes most used by the mothers studied also corresponded to the modes that promoted more responses from the children, favoring language, an important support for therapeutic care. The findings bring the mothers closer to what is expected for good communication partners, which corroborates the hypothesis that speech therapy monitoring contributed to raising awareness among the mothers.

Keywords: Autism Spectrum Disorder; Mother-Child Relationships; Child Language; Nonverbal Communication; Speech-Language Pathology.

Resumen

Introducción: principales características del Trastorno del Espectro Autista (TEA) son déficits en la comunicación, interacción social, patrones de conducta, actividades e intereses restrictivos y repetitivos. Niños con TEA y habla restringida pueden beneficiarse de la Comunicación Aumentativa y Alternativa (CAA) para promover el lenguaje, siendo las madres, principales interlocutoras en la comunicación. Interesante estudiar los aspectos que favorecen o no el lenguaje de estos niños. **Objetivo:** Analizar modos enunciativos de las diadas madres-hijos con TEA, habla restringida y usuarios de CAA. **Material y Método:** Clínico, descriptivo y transversal aprobado por el Comité de Ética en Investigación (CEI) bajo el n. 47884421.10000.540, tres madres y sus hijos con TEA, habla restringida y usuarios de CAA. Solicitados dos videos de interacción de la diada madre/hijo y transcritos por el Elan y análisis estadístico. Categorías de análisis establecidas. **Resultados:** existe diferencia estadísticamente significativa entre las formas enunciativas de diadas al número de ocurrencias para las madres y para los hijos. Modos enunciativos más frecuentes de las madres fueron *"ser flexibles"*, cambiando y/o adaptando la forma y el contenido dirigido a los niños y *"asumir competencia"*, a través de atribución de significado, utilizando el habla, lo que generó mayores frecuencias de respuestas de los niños. **Conclusión:** modos enunciativos más utilizados por las madres también correspondieron a los modos que promovieron más respuestas de niños, favoreciendo el lenguaje. Los hallazgos acercan a las madres a lo que se espera de buenos interlocutores de comunicación, que corrobora hipótesis que asistencia logopédica ha contribuido a concienciar a las madres.

Palabras clave: Trastorno del Espectro Autista; Relaciones Madre-Hijo; Lenguaje Infantil; Comunicación No Verbal; Patología del Habla y Lenguaje.

Introdução

Entende-se aqui a aquisição de linguagem em uma abordagem enunciativa, em que a criança precisa do outro para o processo de “semantização da língua”¹, desde o nascimento. O locutor/alocutário abre e reconhece espaço de enunciação à criança e, assim, os dois ocupam papéis discursivos distintos - dinâmicos, e não, hierárquicos na relação dialógica. No início, ao nascimento, o adulto é mais visível, de forma discursiva, e apesar disso, o bebê é ativo neste processo, utilizando os recursos que possui para interagir com o outro².

As crianças que possuem o diagnóstico do Transtorno do Espectro Autista (TEA), de acordo com o DSM-V (Manual Diagnóstico e Estatístico de transtornos Mentais) em conjunto com a APA (American Psychiatric Association)³, são classificadas por sintomas, que caracterizam os novos critérios diagnósticos, principalmente, déficits persistentes na comunicação social e interação social; além dos padrões de comportamento, interesses e atividades restritivas e repetitivas; e/ou dificuldades nas características da linguagem como comportamentos não-verbais e verbais;

A comunicação é um dos aspectos mais afetados no TEA e pode ser potencializadora do estresse e uma das principais preocupações familiares⁴. Os estudos relacionados ao autismo e família mostram que a participação dos pais é menor do que se espera⁴, trazendo, geralmente, maior sobrecarga materna e, portanto, a importância de estudar os modos de interação da díade mãe e criança.

As crianças com TEA, muitas vezes, apresentam repertórios comunicativos não convencionais e, frequentemente, os pais são os primeiros a notarem estas características e a se preocuparem com o seu desenvolvimento e futuro⁵. Apresentam atrasos de linguagem ou pouca oralidade, em uma proporção importante. Além disso, destaca-se a variabilidade de dificuldades na linguagem dessas crianças, sendo que no campo linguístico, a pragmática, é a maior dificuldade na maior parte deste público^{6,7,28}.

Tendo em vista as dificuldades da comunicação das crianças com TEA, verifica-se que a CSA - Comunicação Suplementar e/ou Alternativa pode favorecer sua linguagem e interação⁸. Neste âmbito, autores trazem a importância do interlocutor para o favorecimento da linguagem⁹. Os indivíduos influenciam uns aos outros para a comunicação e,

quando uma pessoa está usando CSA, o parceiro de comunicação precisa participar, de forma eficaz, para alcançar uma comunicação bem-sucedida⁹.

A base para o início e desenvolvimento dos filhos são os primeiros modelos e suportes oferecidos, a eles, em vários aspectos - motor, cognitivo, linguístico, afetivo e social¹⁰. Desta forma, a mãe segue sendo uma das principais interlocutoras no desenvolvimento infantil, e se constitui como a principal parceira de comunicação no processo de desenvolvimento da linguagem.

A literatura internacional em CSA^{9,11} traz algumas características de Parceiros de Comunicação de crianças com necessidades complexas de comunicação (NCC). Estas características foram consideradas, com base no Portal *Assistiveware*¹², neste estudo, para análise da linguagem e interação das díades em questão. Outros estudos mostram alguns modos de interação linguística do interlocutor que podem favorecer interação das crianças, tais como: o uso da expressão facial, gestos como o apontar, olhar para a criança, movimentações corporais, como: mudar o posicionamento do corpo para chamar atenção da criança, pegar a criança pela mão ou pegar ela própria e o uso da música¹³⁻¹⁶.

Os resultados de uma investigação⁶ abordam os pais das crianças com TEA e a convergência dos dados sobre as alterações comunicativas destas crianças evidenciando seu papel no processo comunicativo de seus filhos, ou seja, o trabalho aponta a importância da inserção da família durante o processo terapêutico e no desenvolvimento da linguagem, o que reafirma a importância deste estudo, voltado aos modos de interação linguística de crianças autistas pouco oralizadas e suas principais parceiras de comunicação – suas mães.

Justifica-se, assim, o interesse em abordar as mães como principais parceiras de comunicação, pois elas se constituem como primeiro núcleo de seus filhos e principais mediadoras. Além disso, embora muito tenha se publicado sobre TEA e as características de linguagem, observa-se, ainda, poucos estudos, sobre seus modos comunicativos, como os de Souza¹, e a necessidade de maior adensamento, particularmente, na literatura nacional, acerca dos modos enunciativos que favorecem ou não a linguagem de crianças autistas não oralizadas, que utilizam Sistemas Suplementares e/ou Alternativos de Comunicação (SSAC). Portanto o objetivo do estudo foi analisar os modos enunciativos das

díades mães-crianças com TEA, oralidade restrita e usuárias de CSA.

Material e Método

Estudo clínico, descritivo e transversal, aprovado pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) sob n 47884421.1.0000.540. A pesquisa foi explicada para os participantes e solicitada a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), após anuência. Amostra constituída, por conveniência, por três mães e seus filhos com TEA, oralidade restrita e usuários de CSA. Os critérios de inclusão abrangeram: crianças com diagnóstico de TEA, realizado por neurologista, psiquiatra, ou equipe multidisciplinar, com idade entre 5 e 9 anos, com oralidade restrita, que utilizam CSA e encontravam-se em acompanhamento fonoaudiológico, na época de coleta de dados e suas mães. Os critérios de exclusão abrangeram: crianças que não pudessem ser gravadas em vídeo, em interação com suas mães, por quaisquer razões, mães com dificuldades de linguagem que comprometessem responder o instrumento de coleta de dados e aqueles que não desejaram participar da pesquisa.

Foram coletados dados das mães e das crianças, para traçar seu perfil sociodemográfico e caracterizar a linguagem das crianças, e solicitado dois registros livres, em vídeo, de diálogos entre mãe e criança, no cotidiano, selecionados conforme a preferência materna. Os registros poderiam ser provenientes, de gravações previamente existentes ou produzidos especificamente para a pesquisa, desde que contivessem, obrigatoriamente, a presença visível de ambos: mãe e criança, no enqua-

dramento da filmagem. Considerando-se a natureza espontânea dos vídeos e o fato de alguns já estarem previamente gravados, não foi estabelecida uma duração mínima ou máxima para os registros.

Os vídeos foram transcritos pelo *software* Elan (vide exemplo de transcrição no **Apêndice A**) para análise das interações a partir de registros do tempo e duração das falas das díades participantes¹⁷. Os vídeos tiveram duração: a M1 no Vídeo 1 com duração de 37 segundos e o Vídeo 2 com três minutos e vinte e três segundos; a M2 no Vídeo 1 com duração de quatro minutos e quinze segundos e o Vídeo 2 de 27 segundos; a M3 no Vídeo 1 com duração de um minuto e vinte e oito segundos e no Vídeo 2 um minuto e vinte e dois segundos, em situações de brincadeira diversas, escolhidas pela mãe, como atividades de música, fazer comida e ir à praia. O *software* possibilita a criação de planilhas, com os dados selecionados para cada díade, com a notação do tempo e da duração em que ocorreram os itens analisados, possibilitando a descrição e quantificação desses aspectos.

Foram estabelecidos, por critérios de repetição e de relevância¹⁸, cinco categorias de análise a partir das transcrições dos vídeos de interação, baseados em autores⁹ e no portal *Assistiveware*: “*Key values of a good communication partner*”¹² Tais autores abordam características para um bom parceiro linguístico de crianças que utilizam CSA.

No Quadro 1, apresentam-se as categorias de análise, com breve descrição de cada uma delas e as subcategorias correspondentes, as quais foram estabelecidas a partir de diversas leituras das transcrições das interações entre as crianças e suas mães, nos vídeos.

Quadro 1. Descrição das categorias e subcategorias de análise estabelecidas

Categorias	Descrição	Subcategorias
1) Ser flexível:	Mudar o modo de interação diante da resposta da criança	a) Mudar ou adaptar à forma/conteúdo dirigido a criança
2) Persistir na interação	Estratégias para chamar atenção da criança, não desistindo da interação. Estão inclusos movimentos corporais da mãe, como: os itens d,e,f	a) Chamar pelo nome (falar) b) Mudar a prosódia c) Olhar para a criança d) Mudar posicionamento do corpo para chamar atenção da criança e) Pegar a criança pela mão ou pegar a criança f) Imitar a criança g) Fazer perguntas abertas (falar) h) Fazer perguntas fechadas (falar) i) Chamar atenção da criança retirando o objeto
3) Presumir competência:	Acreditar no potencial da criança para se comunicar, legitimando suas manifestações e validando sua participação no diálogo.	a) Elogiar a criança (falar) d) Atribuir significado às manifestações linguísticas (olhar, apontar, movimentação corporal, gestos, CSA e vocalizações) (falar) e) Incentivar o uso da CSA (comunicar por diversas razões)
4) Engajar e interagir	Criar contextos motivadores e reais para a comunicação	a) Fazer pedidos para a criança (falar) b) Usar a música (tocar e cantar) c) Expressão facial
5) Ser paciente	Dar tempo de pelo menos 3 segundos para que a criança responda, por meio de respeitos ao turno de fala	a) Aguardar e interpretar a resposta da criança no tempo dela (falar) b) Não ter expectativa de resposta oral da criança c) Não esperar a criança responder (falar de novo) d) Insistir pela fala (falar)

As categorias foram contabilizadas por meio do *software* Elan¹⁷, em que se verificou a frequência de ocorrências das respostas das crianças para cada subcategoria e realizada comparação da média das frequências dos modos enunciativos das mães, com a média das frequências das respostas das crianças. Da mesma forma, foi realizada análise estatística, com o objetivo de comparar os modos enunciativos da mãe e da criança, tanto para o número de ocorrências quanto da duração média.

Na análise estatística das categorias dos modos enunciativos das crianças estabelecidas foram: olhar para a mãe, olhar para o objeto referente, olhar para outro objeto, usar ecolalias, estereotípias, apontar, vocalizações/fala, usar a CSA e expressões faciais, para se comunicar.

A escolha das categorias dos modos enunciativos das mães submetidas à análise estatística foi realizada com base nas características de linguagem abordadas nas crianças com TEA na literatura da área e pela leitura dos registros em vídeos quanto aos modos enunciativos mais significativos das mães e das crianças^{9;11;13-16}.

Resultados

O perfil sociodemográfico das mães participantes mostra que elas se encontram na faixa etária entre 38 e 45 anos, são casadas e possuem Ensino Superior Completo. As mães M1 e M2 possuem um filho cada uma e M3 possui dois filhos, sendo somente um deles, participante da pesquisa, por atender os critérios de inclusão do diagnóstico de TEA.

Todas as crianças possuem tempo de intervenção fonoaudiológica acima de 4 anos e meio e fazem uso de CSA. A criança C1 não é oralizada, vocalizando apenas o som “ãh”, tem 5 anos e é do sexo feminino. A criança C2 produz poucas palavras isoladas, frases curtas e ecolalias, possui 9 anos e é do sexo masculino. A criança C3 produz palavras isoladas e possui 9 anos e é do sexo masculino.

Dos vídeos enviados pelas famílias, para a pesquisadora, apenas duas mães (M1 e M3) mostraram a criança utilizando a CSA. Os contextos dos vídeos foram:

Díade C1 e M1

Vídeo 1 - mãe toca piano, atividade preferida de sua filha, que solicita mudança da música em alguns momentos.

Vídeo 2 - mãe e filha brincam de massinha juntas, cada uma sentada em sua cadeira de frente uma para a outra.

Díade C2 e M2

Vídeo 3 - mãe e filho na praia e brincam de nadar juntos.

Vídeo 4 - mãe e filho fazem pulseira com missangas

para a avó.

Díade C3 e M3

Vídeo 5 - mãe e filho estão na cozinha, criança solicita batata frita e depois estão preparando-as.

Vídeo 6 - mãe e filho cantam uma música do alfa-beto, que também está em uma lousa.

Nas Tabelas 1, 2 e 3 a seguir, são apresentados os modos de interação linguística de cada díade mãe-criança, com as respectivas frequências.

Tabela 1. Modos de interação linguística da Díade 1 e as frequências de ocorrências dos modos de interação da mãe (M1) e da criança (C1)

Modos de interação linguística da mãe (M1)		Frequência dos modos de interação da mãe (M1)	Modos de interação da criança (C1) e frequência	Total da frequência dos modos da criança (C1)	
Ser flexível	Mudar ou adaptar a forma/ conteúdo dirigido à criança (falar)	14	Vocaliza	9	12
			Aponta	1	
			Pega objeto	2	
			Não responde	2	
Persistir na interação	Chamar pelo nome (falar)	2	Não responde	2	0
	Mudar a prosódia	0	Não ocorreu	0	0
	Olhar para a criança	15	Olha mãe	4	21
			Olha objeto	1	
			Vocaliza	7	
			Aponta	2	
			CSA	1	
			Fica	6	
			Não responde	3	
	Mudar posicionamento do corpo para chamar a atenção	4	Olha e aponta	4	4
			Vocaliza e aponta	0	
	Pegar a criança pela mão ou pegar a criança	8	Vocaliza	2	3
			Olha objeto	1	
			Não responde	5	
	Imitar a criança	0	Não ocorreu	0	0
Fazer perguntas abertas (falar)	0	Não ocorreu	0	0	
Fazer perguntas fechadas (falar)	6	Aponta objeto	1	3	
		Tenta sair	2		
		Não responde	3		
Chamar a atenção da criança retirando o objeto	1	Aponta e vocaliza para objeto	1	1	
Presumir competência	Elogiar a criança (falar)	2	Vocaliza e entrega objeto	2	2
	Atribuir significado às outras manifestações linguísticas (falar)	15	Olha	3	15
			Vocaliza	6	
			Aponta	5	
			CSA	1	
Dar acesso à CSA	2	Olha e vocaliza	1	2	
		Expressão facial e protesto com CSA	1		

Modos de interação linguística da mãe (M1)		Frequência dos modos de interação da mãe (M1)	Modos de interação da criança (C1) e frequência		Total da frequência dos modos da criança (C1)
Engajar e interagir	Fazer pedidos para a criança (falar)	1	Olha objeto e protesta com vocalização	1	1
	Usar música (tocar e cantar)	16	Olha	4	16
			Vocaliza	10	
			CSA	1	
	Usar expressão facial	9	Pega braço da mãe e tenta sair	1	9
			Olha mãe	1	
			Olha outro objeto e vocaliza	4	
			Vocaliza e aponta	1	
			Vocaliza e CSA	1	
			Expressão facial	1	
			Fica	1	
Ser paciente	Aguardar e interpretar a resposta da criança no tempo dela (falar)	5	Olha, vocaliza	4	6
	Não ter expectativa da resposta oral da criança	0	Expressão facial e vocaliza	1	
			CSA, aponta, vocaliza e olha	1	
	Não esperar a resposta da criança (falar de novo)	4	Vocaliza, olha para o objeto	1	3
			Olha para outro objeto	2	
			Não responde	1	
	Insistir que a criança fale (falar)	0	Não ocorreu	0	0

Legenda: CSA - Comunicação Suplementar e/ou Alternativa; C1 - Criança 1; M1 - Mãe 1.

O modo enunciativo mais utilizado por M1, foi o olhar para a criança, o que favoreceu mais respostas da criança, como ilustra trecho da interação de ambas, extraído do Vídeo 1.

Contexto do Vídeo 1 da Díade 1

Mãe (M1) toca piano, atividade preferida de sua filha (C1), que solicita mudança da música em alguns momentos. A mãe está sentada em frente ao piano e a criança em pé ao lado, prestando atenção e segurando a figura de CSA.

Recorte

MI: Toca piano, canta e *alterna* o olhar para a criança e olhar o piano

CI: Vocaliza, pega e puxa o braço da mãe e entrega um símbolo de CSA, por meio do qual solicita outra música

MI: Sorri e olha para a criança. Para de tocar o piano e pega o símbolo para ver

CI: Vocaliza (“äh”) e aponta novamente para o símbolo, dando a entender que está reforçando seu pedido de troca de música

MI: Mãe fala “deixa eu achar o tom” e sorri para a criança, começando a tocar o piano novamente.

Contexto do Vídeo 2 da Díade 1

Mãe (M1) está sentada em frente a sua filha (C1) em uma cadeira baixa na altura de sua filha, em que se encontra sentada também. As duas brincam de massinha e com objetos para modelar.

Recorte

MI: Mãe fala: “olha a mamãe vai fazer uma cobrona” e continua a música, cantando “como é que a cobra sobe num pezinho de limão?”

CI: Vocaliza “ã”

MI: Mãe fala: “Vai”

CI: aponta para o celular

MI: Mãe fala: “Você quer fazer macarrão?”

CI: a criança olha para a mãe

MI: Mãe continua cantando: “a cobra não tem mão” e fala “faz com essa aqui também” e pega o braço da criança para pegar a massinha

CI: tenta sair da cadeira

MI: “Olha [nome da criança] a cobra, a cobra

CI: vocaliza “ã” e tenta sair novamente

MI: reposiciona a criança e dá novamente a massinha

Os resultados mostram que no registro do Vídeo 2 da Díade 1, em que mãe (M1) e criança (C1)

brincam com massinha, os modos enunciativos utilizados pela mãe foram: persistir na interação, se mostrar flexível, mudar e adaptar o conteúdo dirigido à criança, elogiar e olhar para a criança. Porém, quando a criança usa o apontar e a vocalização para se referir a algo que deseja, a mãe não valida estas tentativas, insistindo na sua maneira de brincar, além de não atribuir significado às manifestações linguísticas da criança. Ou seja, a mãe demonstra ter uma certa expectativa de resposta da criança que não é cumprida, ao seu ver, insistindo na resposta esperada.

Os achados indicam que no registro do Vídeo 1, a criança C1 lidera a brincadeira, inicia a interação por meio da CSA, olha e vocaliza, e a mãe M1 atribui significado às tentativas de expressão da criança (C1), e desse modo, esta díade estabelece uma comunicação mais eficaz nesse contexto, com menos tentativas da mãe em obter atenção da criança ou a resposta esperada, como ocorreu no Vídeo 2. Nota-se que algumas tentativas da mãe (M1) de chamar atenção pelo nome não teve efeito para C1.

Na Tabela 2 estão descritos os resultados da Díade 2.

Tabela 2. Modos de interação linguística na Díade 2 as frequências de ocorrências dos modos enunciativos da mãe (M2) e da criança (C2)

Modos de interação linguística da mãe (M2)		Frequência dos modos de interação da mãe (M2)	Interação dos modos da criança (C2) e frequência		Total da frequência dos modos da criança (C2)
Ser flexível	Mudar ou adaptar a forma/ conteúdo dirigido à criança (falar)	não responde	Olha mãe	9	22
			Vai em direção à mãe	3	
			Não responde	10	
Persistir na interação	Chamar pelo nome (falar)	1	Vai em direção à mãe	1	1
	Mudar a prosódia	13	Olha mãe	9	15
			Olha mãe e da risada	2	
			Vai em direção à mãe	2	
			Estereotipias	2	
	Olhar para a criança	15	Olha mãe	8	11
			Beijos	1	
			Sai	2	
			Não responde	4	
	Mudar posicionamento do corpo para chamar a atenção	9	Olha para a mãe	6	10
			Vocaliza	2	
			Estereotipia	1	
			Não responde	3	
	Pegar a criança pela mão ou pegar a criança	6	Olha para mãe	2	4
			Ecolalia	1	
			Não responde	2	
			Puxa à mãe	1	
	Imitar a criança	1	Olha mãe	1	1
	Fazer perguntas abertas (falar)	0	Não ocorreu	0	0
	Fazer perguntas fechadas (falar)	2	Responde indo à mãe	1	2
	Chamar a atenção da criança retirando o objeto	0	Não responde	1	0
			Não ocorreu	0	
Presumir competência	Elogiar a criança (falar)	0	Não ocorreu	0	0
	Atribuir significado às outras manifestações linguísticas (falar)	15	Olha	6	13
			Vai em direção a mãe	4	
			Fica	3	
			Não responde	2	
	Dar acesso à CSA	0	Não ocorreu	0	0
Engajar e interagir	Fazer pedidos para a criança (falar)	4	Responde indo à mãe	4	4
	Usar música (tocar e cantar)	9	Olha e canta	6	9
			Olha	3	
	Usar expressão facial	1	Olha e canta	1	1
Ser paciente	Aguardar e interpretar a resposta da criança no tempo dela (falar)	5	Aproxima da mãe e olha	2	6
			Leva à mãe	1	
			Canta	3	
	Não ter expectativa de resposta oral da criança	2	Iniciou a música	1	2
			Continua a cantar	1	
	Não esperar a resposta da criança (falar de novo)	2	Não responde	0	0
	Insistir que a criança fale (falar)	0	Não ocorreu	0	0

Legenda: CSA - Comunicação Suplementar e Alternativa; C2 - Criança 2; M2- Mãe 2.

Neste caso, verifica-se que a mãe M2 utilizou, com maior frequência, o modo de *mudar ou adaptar à forma e ou conteúdo dirigido à criança*, quando ela não responde ao solicitado, o que favorece a resposta da criança, como ilustra trecho de diálogo transcrito do Vídeo 3, a seguir:

Contexto do Vídeo 3 da Díade 2

Mãe e filho na praia e brincam de nadar juntos

Recorte

M2: [chama a criança pelo nome]

C2: Sai em direção a outro lugar e vocaliza

M2: Se aproxima da criança, a olha e pega seus braços para si e agacha em direção a ela e fala com o filho

M2: Ô pra mamãe! Vamos... vamos lá pra onda!

C2: Tira o braço e olha para a mãe

M2: Vamos? (mãe reafirma o convite para a criança)

Da mesma forma que a participante M2, a mãe M3 também utiliza, com maior frequência, o

modo enunciativo *mudar ou adaptar a forma e ou conteúdo dirigido para a criança*, como demonstrado na Tabela 3.

Além disso, os resultados mostram que todas as vezes que as mães favoreceram o acesso aos recursos do CSA, incentivaram respostas das crianças, como exemplificado em trecho da interação da Díade 3.

Contexto do Vídeo 5 da Díade 3

Filho solicita batata-frita para a mãe.

Recorte:

M3: Dispositivo de CSA (tablet) encontra-se na mesa a qual a mãe está apoiada, ela olhou para o dispositivo, favorecendo o acesso da criança

C3: vai em direção à mãe e mostra os símbolos correspondentes à frase: “Eu quero batata frita”

M3: olha para o dispositivo e repete: “Batatinha frita... Obrigada filho”

Tabela 3. Modos de interação linguística na Díade 3 e as frequências de ocorrências dos modos enunciativos da mãe (M3) e da criança (C3)

Modos de interação linguística da mãe (M2)		Frequência dos modos de interação da mãe (M2)	Interação dos modos da criança (C2) e frequência		Total da frequência dos modos da criança (C2)
Ser flexível	Mudar ou adaptar a forma/ conteúdo dirigido à criança (falar)	16	Olha	5	16
			Palavra aproximada CSA	9 2	
Persistir na interação	Chamar pelo nome (falar)	1	Olha	1	1
	Mudar a prosódia	0	Não ocorreu	0	0
	Olhar para a criança	2	Olha mãe	0	2
			Olha objeto	0	
	Mudar posicionamento do corpo para chamar a atenção	1	Olha e canta	1	1
	Pegar a criança pela mão ou pegar a criança	0	Não ocorreu	0	0
	Imitar a criança	0	Não ocorreu	0	0
	Fazer perguntas abertas (falar)	3	Olha CSA	1	3
			Vocaliza e vai ao objeto	1	
	Fazer perguntas fechadas (falar)	5	Olha Responde com aproximação de palavras Aponta	1 3 1	5
Presumir competência	Chamar a atenção da criança retirando o objeto	0	Não ocorreu	0	0
	Elogiar a criança (falar)	2	Olha	2	2
	Atribuir significado às outras manifestações linguísticas (falar)	9	Olha e vocaliza	9	9
	Dar acesso à CSA	2	Olha a mãe e solicita com CSA	2	2
Engajar e interagir	Fazer pedidos para a criança (falar)	1	Responde ao pedido	1	1
	Usar música (tocar e cantar)	3	Olha e canta	3	3
	Usar expressão facial	0	Não ocorreu	0	0
Ser paciente	Aguardar e interpretar a resposta da criança no tempo dela (falar)	7	Canta e dá beijo	1	7
			Aproximação de palavras CSA	3	
				2	
	Não ter expectativa de resposta oral da criança	3	Aproximação de palavras Canta	2 1	3
	Não esperar a resposta da criança (falar de novo)	5	Olha Aproximação de palavras Não responde	1 2 2	5
	Insistir que a criança fale (falar)	4	Olha e faz aproximação de palavras	4	4

Legenda: CSA - Comunicação Suplementar e Alternativa; C3 - Criança 3; M3 - Mãe 3.

Segue, na Tabela 4, a comparação do total e da média de modos de enunciação das mães e das respostas das crianças.

Tabela 4. Comparação dos modos enunciativos entre as mães e as respostas das crianças

Modos de interação linguística das mães		Nº total das frequências de modos de enunciação das mães	Média das frequências das mães	Nº total das frequências de modos de enunciação das crianças	Média das frequências das crianças
Ser flexível	Mudar ou adaptar à forma/ conteúdo dirigido a criança (falar)	52	52	50	50
Persistir na interação	Chamar pelo nome (falar)	4	10,5	2	9,7
	Mudar a prosódia	13		15	
	Olhar para a criança	32		34	
	Mudar posicionamento do corpo para chamar atenção da criança	10		15	
	Pegar a criança pela mão ou pegar a criança	14		7	
	Imitar a criança	1		1	
	Fazer perguntas abertas (falar)	3		3	
	Fazer perguntas fechadas (falar)	13		10	
	Chamar atenção da criança retirando o objeto	1		1	
Presumir competência	Elogiar a criança (falar)	4	15,6	4	15
	Atribuir significado às outras manifestações linguísticas (falar)	39		37	
	Dar acesso a CSA	4		4	
Engajar e interagir	Fazer pedidos para a criança (falar)	6	14,6	6	18
	Usar música (tocar e cantar)	28		38	
	Usar expressão facial	10		10	
Ser paciente	Aguardar e interpretar a resposta da criança no tempo dela (falar)	17	9,25	18	8,7
	Não ter expectativa de fala	5		5	
	Não esperar a resposta da criança (falar de novo)	11		8	
	Insistir que a criança fale (falar)	4		4	

Legenda: CSA: Comunicação Suplementar e Alternativa.

Interessante notar que coincidiram os modos enunciativos que as mães utilizam, no total, com maior frequência, com aqueles que correspondem à maior frequência de respostas das crianças, a saber: *mudar e/ou adaptar à forma /conteúdo dirigido à criança, olhar para a criança, atribuir significado às outras manifestações linguísticas e utilizar a música como incentivo.*

Os resultados mostram que os modos enunciativos que as mães utilizaram, mas que não favoreceram mais respostas das crianças foram: *pegar a criança pela mão ou pegar ela própria, utilizar perguntas fechadas e não esperar a criança responder.*

Os achados indicam que respostas das crianças aos modos enunciativos das mães são multimodais, ou seja, elas respondem, de várias formas, tais como: *o olhar, vocalizações, aproximações de palavras, recursos de CSA e movimentos corporais.*

No uso da CSA, mesmo as mães não favorecendo muitas oportunidades, cabe ressaltar que os resultados mostram que as crianças responderam a todas as oportunidades dadas de acesso, utilizando tais recursos. Para alguns modos enunciativos das mães, as crianças utilizam a CSA como resposta,

(vide Tabelas 1, 2, 3 e 4) quando as mães *mudam e/ou adaptam a forma e o conteúdo dirigido aos filhos, olham para as crianças, fazem perguntas abertas, atribuem significado às manifestações linguísticas, utilizam a música, manifestam agrado à resposta da criança e aguardam e interpretam a resposta da criança no tempo dela.*

Além da mãe M1 disponibilizar o acesso à CSA, a criança C1 a utilizou quando a mãe olhou para ela e atribuiu significado às suas outras manifestações linguísticas, ou seja, a criança cutucou e olhou para a mãe, a mãe olhou para a criança e ela utilizou a CSA pedindo sua música favorita. Além dos exemplos citados anteriormente, cabe acrescentar que a criança C3 iniciou a interação, pedindo para a mãe M3 fazer batata-frita.

A música foi utilizada por todas as díades, conforme mostram os resultados dos registros em vídeos, evidenciando-se como um dos principais modos das mães estudadas, para ganhar e manter a atenção das crianças, as quais produzem mais e variados atos enunciativos, em resposta.

Seguem na Tabela 5 resultados da análise estatística dos modos enunciativos das mães quanto à frequência de ocorrência e duração média.

Tabela 5. Resultados dos modos enunciativos das mães quanto à frequência de ocorrência e duração média

		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Ocorrências por minuto	Apontar	0,12	0,00	0,30	6	0,24	0,006*
	Usar expressão facial	1,32	0,12	2,57	6	2,06	
	Falar	11,18	9,34	7,03	6	5,62	
	Mudar posicionamento do corpo para chamar atenção da criança	1,40	0,37	2,54	6	2,03	
	Usar Música	2,69	2,03	2,79	6	2,23	
	Olhar para a criança	3,32	1,72	4,91	6	3,93	
	Pegar a criança pela mão ou pegar a criança	0,63	0,00	1,02	6	0,82	
Duração por ocorrência (seg) / minuto	Apontar	0,01	0,00	0,04	6	0,03	0,091
	Usar Expressão facial	2,91	0,60	4,19	6	3,35	
	Falar	2,31	1,67	1,89	6	1,51	
	Mudar posicionamento do corpo para chamar atenção da criança	0,50	0,04	0,75	6	0,60	
	Usar Música	2,91	0,80	4,35	6	3,48	
	Olhar para a criança	1,22	1,31	1,10	6	0,88	
	Pegar a criança pela mão ou pegar a criança	0,33	0,00	0,52	6	0,42	

Legenda: Teste de Mann-Whitney, com nível de significância $p < 0,05$.

A Tabela mostra que existe diferença estatisticamente significativa entre os modos enunciativos para o número de ocorrência (p-valor = 0,006), isso significa que os meios enunciativos das mães que ocorreram com maior frequência são: “falar (média de 11,18), seguido por “olhar para a criança” (média de 3,32) e em terceiro “música” (média 2,69). Ou seja, estes modos enunciativos ocorrem com maior frequência comparado com os outros.

Não houve diferença estatisticamente significativa entre os modos enunciativos para as durações (p-valor=0,091), o que significa que não houve modos enunciativos das mães com maior duração entre eles.

Na Tabela 6, são apresentados resultados da análise estatística dos modos enunciativos das crianças quanto à frequência de ocorrência e duração média:

Tabela 6. Resultados das frequências de ocorrências e da duração média dos modos enunciativos das crianças

		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Ocorrências por minuto	Apontar	1,90	0,96	3,10	6	2,48	0,002*
	ecolalia	0,64	0,00	1,02	6	0,81	
	Estereotipias	0,16	0,00	0,38	6	0,31	
	Usar expressão facial	0,96	0,49	1,19	6	0,95	
	Fala/vocalização	8,84	5,03	11,15	6	8,92	
	Olhar da criança para mãe	5,39	5,87	2,27	6	1,81	
	Olhar da criança para objeto referente	2,07	1,44	2,32	6	1,86	
	Olhar da criança para outro objeto	0,62	0,30	0,76	6	0,61	
	Uso da CSA pela criança	0,65	0,00	1,30	6	1,04	
Duração por ocorrência (seg) /minuto	Apontar	1,53	0,76	1,95	6	1,56	0,076
	Ecolalia	0,87	0,00	1,97	6	1,58	
	Estereotipias	0,29	0,00	0,70	6	0,56	
	Expressão facial	0,74	0,51	0,84	6	0,67	
	Fala/vocalização	0,93	0,45	1,42	6	1,13	
	Olhar da criança para mãe	2,15	1,00	2,41	6	1,93	
	Olhar da criança para objeto referente	2,52	1,83	2,48	6	1,98	
	Olhar da criança para outro objeto	0,46	0,32	0,59	6	0,47	
	Uso da CSA pela criança	0,63	0,00	1,13	6	0,90	

Legenda: Teste de Mann-Whitney, com nível de significância $p < 0,05$.

Os resultados mostram que da mesma maneira que ocorreu para as mães, as ocorrências dos modos enunciativos das crianças obtiveram significância estatística entre os modos (p-valor = 0,002), e que as crianças também utilizam com maior frequência a “fala/vocalização” (média 8,84), seguido por “olhar da criança para a mãe” (média 5,39), o que ocorreu com maior frequência do que “olhar para outros objetos referentes” (média 0,67) ou “objetos referentes” (média 2,07) à situação de interação. Não houve significância estatística entre os modos enunciativos em relação a duração (p-valor=0,076), o que significa que não houve modos enunciativos das crianças com maior duração entre eles.

A ecolalia (média 0,64) e estereotipias (média 0,16), apresentaram pouca ocorrência nos achados da pesquisa. O “olhar da criança para as mães” ocorreu com maior frequência do que o “olhar da criança para objeto referente” ou “olhar da criança para outro objeto”

Observe na Tabela 7, os resultados dos modos de interação linguística em comum entre mãe e criança em número de ocorrências e em duração média. Tanto em duração média quanto em número de ocorrências não foram encontradas diferenças estatisticamente significantes. Ou seja, entre os grupos das mães e das crianças, ambas não fizeram mais ou menos ocorrências ou duração entre os modos de interação linguística.

Tabela 7. Comparação entre mãe e criança por modos de interação linguística em número de ocorrências e em duração média a resposta comum entre os dois grupos

		Número de ocorrências					
		Média	Mediana	Desvio Padrão	N	IC	P-valor
Apontar	Mãe	0,12	0,00	0,30	6	0,24	0,109
	Criança	1,90	0,96	3,10	6	2,48	
Usar a expressão facial	Mãe	1,32	0,12	2,57	6	2,06	0,893
	Criança	0,96	0,49	1,19	6	0,95	
Fala/vocalização	Mãe	11,18	9,34	7,03	6	5,62	0,500
	Criança	8,84	5,03	11,15	6	8,92	
Olhar da mãe para criança e da criança para mãe	Mãe	3,32	1,72	4,91	6	3,93	0,345
	Criança	5,39	5,87	2,27	6	1,81	
		Duração Média					
Apontar	Mãe	0,01	0,00	0,04	6	0,03	0,068
	Criança	1,53	0,76	1,95	6	1,56	
Usar a expressão facial	Mãe	2,91	0,60	4,19	6	3,35	0,345
	Criança	0,74	0,51	0,84	6	0,67	
Fala/vocalização	Mãe	2,31	1,67	1,89	6	1,51	0,173
	Criança	0,93	0,45	1,42	6	1,13	
Olhar da mãe para criança e da crianca para mãe	Mãe	1,22	1,31	1,10	6	0,88	0,463

Legenda: Teste de Mann-Whitney, com nível de significância $p < 0,05$.

Apesar de não haver diferença estaticamente significativa entre os grupos das mães e crianças entre duração e ocorrência, qualitativamente os dois grupos utilizam a fala e vocalização com maior ocorrência (média 11,18 das mães e 8,84 das crianças).

Discussão

Mudar ou adaptar à forma ou o conteúdo através da fala dirigida à criança foi o modo enunciativo mais utilizado pelas mães (vide Tabela 4 e Tabela 5), e que também, gerou maior frequência de respostas das crianças (Tabela 4), evidenciando a efetividade desses modos enunciativos para o favorecimento da linguagem das crianças estudadas. Um estudo aponta que, quando as crianças possuem oralidade restrita, ou seja, utilizam mais movimentos corporais, gestos ou o apontar, o parceiro de comunicação tende a formular e expressar sua própria mensagem, insistindo na interação¹⁹.

Outro modo enunciativo mais utilizado pelas mães, nesta pesquisa, e que também obteve maior frequência de resposta das crianças, foi na categoria *presumir competência*, em que as responsáveis atribuem significado às manifestações linguísticas das crianças. Alguns autores destacam que par-

ceiros de comunicação que se mostram atentos às outras formas de manifestações linguísticas, ressignificando e oferecendo interações de qualidade e motivacionais, são considerados bons parceiros de comunicação²⁰, corroborando os resultados encontrados e evidenciando o valor dessas estratégias. Uma hipótese que pode justificar esses achados é o fato de serem mães trabalhadas no acompanhamento fonoaudiológico de seus filhos, demonstrando conscientização e uso em relação a esses aspectos.

Nesta pesquisa, o contexto de brincadeira e a motivação da criança influenciaram suas respostas na interação com a mãe, o que também se justifica em um estudo com crianças não oralizadas com Síndrome Congênita pelo Zika Vírus²¹. No exemplo em que a mãe toca piano para a criança, ou seja, no contexto de brincadeira, a mãe apresenta menos tentativas de obter atenção da criança, não insistindo na resposta e atribuindo significado às suas tentativas de manifestações linguísticas, favorecendo a linguagem e interação. Isso se diferencia do contexto em que a mãe escolhe determinada atividade e insiste numa resposta, não atribuindo significado às suas manifestações linguísticas, parecendo presumir pouca competência das crianças neste estudo, assim como abordam outros autores em estudos⁹.

Insistir em uma resposta é explicado num estudo que aponta a dependência excessiva das solicitações dos parceiros de comunicação nas crianças com TEA²², o que dificulta que a criança inicie uma comunicação ou responda a uma proposta de comunicação de forma independente, constituindo uma barreira para uso mais frequente da CSA. O parceiro de comunicação, paralelamente, pode não lhe dar o tempo apropriado que permita que a criança responda a uma proposta de comunicação independente. Isso reforça ainda mais o nível de competência do parceiro no processo de linguagem e interação da criança, com TEA, usuária do CSA e com oralidade restrita. É papel do fonoaudiólogo identificar e considerar as barreiras e os facilitadores que estão presentes para cada criança, para que possam atuar em conjunto com os parceiros de comunicação presentes na vida da criança para o favorecimento da linguagem²⁰.

Os resultados estatísticos sobre os modos enunciativos das crianças mostram o uso da multimodalidade da linguagem das crianças com diagnóstico de autismo, ou seja, o uso da fala/vocalizações como a maior resposta das crianças, além do uso da expressão facial, olhar, estereotípias, ecolalias e uso do CSA. A questão da multimodalidade ainda é pouco discutida na literatura, como apontado por Oliveira²³.

Uma das características linguísticas mais frequentemente encontradas na literatura acerca do autismo²³, como a ecolalia e as estereotípias, apresentaram pouca ocorrência nos achados desta pesquisa, sendo utilizadas apenas por uma das crianças. Contudo, vale remeter a estudo²³ que aborda o funcionamento das ecolalias como uma expressão da heterogeneidade de cada fala do sujeito. A autora pontua que, mesmo que haja semelhança com a fala do outro, há especificidades a considerar no sujeito que está “repetindo a fala”, pois considera uma parte de sua fala, com possíveis entonações diferentes que o outro não produziu²³. Outrossim, acerca das estereotípias, considera-se, em nosso estudo, que são recursos multimodais e enunciativos, ou seja, se faz parte da linguagem da criança, funcionando como modos enunciativos das crianças²⁴.

Na perspectiva da família, alguns estudos apontam a intervenção em linguagem e o uso da CSA, levando em conta o uso da comunicação multimodal²³⁻²⁵ ou idiossincráticas²³ para entender as reais necessidades de pessoas com TEA e as ne-

cessidades complexas de comunicação. O ambiente comunicativo clínico difere do ambiente doméstico, comprometendo as tentativas de simplesmente “exportar” as intervenções do contexto clínico para o ambiente familiar. Ou seja, o ambiente, os parceiros de comunicação e as oportunidades comunicativas no ambiente de casa é diferente do ambiente clínico. Um estudo²⁵ aborda que, apesar de os pais e familiares terem consciência de que suas escolhas são diferentes dos aspectos profissionais recomendados, a rápida comunicação idiossincrática tem vantagens, incluindo velocidade e simplicidade. Isso pode ser uma das hipóteses de que a utilização da CSA neste estudo não foi uma das estratégias mais utilizadas, como discutido por esses autores.

Outra hipótese para o menor uso da CSA se justifica pelo fato de que, como mostra a literatura, o trabalho com a CSA não consiste apenas em orientações com os parceiros de comunicação, mas também em colocar os possíveis parceiros no contexto terapêutico²⁶ [...] *“Aprender é uma atividade complexa que se dá por meio de experimentação, não somente ouvindo-se sobre como se faz [...]”*²⁶. Além disso, como descrito em outro trabalho, há a necessidade de determinar uma descrição mais geral das características da família, dos caminhos que uma família percorre para tomar decisões sobre seus interesses individuais e objetivos coletivos, bem como o uso de tempo e dos recursos que podem informar a implementação bem-sucedida da CSA²⁷. Ou seja, para a maior efetividade no trabalho com a CSA, os profissionais devem atuar em colaboração com as famílias e com o sujeito que utiliza a CSA durante todo o processo de tomada de decisão relacionado à CSA. Tomando como base a avaliação e a intervenção acerca da CSA, na perspectiva da família, na dinâmica familiar e nas relações de comunicação entre as crianças e famílias nesse ambiente, com esses parceiros de comunicação e suas maiores necessidades.

Outra hipótese que parece justificar o menor uso da CSA, como encontrado neste estudo, é a estratégia da mãe de não esperar a resposta da criança, diminuindo a iniciativa comunicativa com o uso da CSA. Já quando a mãe aguarda e interpreta a resposta da criança no tempo dela (M1 e M3) ou realiza perguntas abertas (M3), há um favorecimento maior das respostas da criança e da iniciativa do uso da CSA nas interações⁹.

Como mencionado anteriormente, a CSA não foi a estratégia mais utilizada pelas mães, mas, em todas as oportunidades oferecidas, às crianças responderam a elas, seja solicitando ou protestando por meio da CSA, olhando para a mãe e vocalizando. Ou seja, conforme aponta a literatura, o uso da CSA melhora significativamente a atenção compartilhada e o desenvolvimento da comunicação social²⁸.

Outro modo enunciativo mais utilizado pelas mães, mas que acarretaram poucas respostas das crianças foi o ato de pegar a criança pela mão ou pegar a criança. Ou seja, o parceiro de comunicação oralizado tende a dominar a situação de interação linguística, devido a oralidade restrita do interlocutor, criando uma expectativa de resposta que não é cumprida, ao seu ver, então, insistindo na resposta, como discutido na literatura²⁰.

Uma das barreiras na literatura para o uso da CSA é a preocupação dos pais de que ela possa ser um substituto ou um obstáculo ao desenvolvimento da linguagem falada dos filhos^{22,25}. Contudo, neste estudo, os resultados da categoria *não ter expectativa de fala* de seus filhos ocorreram com maior frequência do que esperado. Uma hipótese para esse resultado remete ao fato de as crianças estarem em acompanhamento fonoaudiológico, e as mães sendo trabalhadas quanto ao processo de desmistificação do uso da CSA para inibir a fala. Portanto, nota-se a importância da atuação conjunta entre profissional e mãe, além de uma abordagem contínua e sistemática acerca do uso e do papel da CSA no favorecimento da linguagem e da própria oralidade de crianças como as aqui estudadas.

Os resultados estatísticos mostram que as crianças olham com maior frequência para as mães do que para os objetos. Um estudo que também utilizou o *software* Elan na avaliação de crianças com risco para TEA²⁹ verificou que elas não direcionaram seu olhar para o interlocutor, com todas as ocorrências sendo na direção dos brinquedos, resultados que se contrapõem aos achados desta pesquisa. Contudo, cabe considerar que as crianças desta pesquisa estavam em acompanhamento multidisciplinar, em média, por dois anos em uma instituição especializada, o que evidencia a relevância e o papel do acompanhamento terapêutico multidisciplinar, no caso de fisioterapia, psicologia,

psicopedagogia e terapia ocupacional para o desenvolvimento de crianças com TEA, o que pode ter contribuído para os resultados encontrados.

A estratégia do olhar para a criança e a utilização da música como incentivo para favorecer a linguagem foram outros recursos utilizados com frequência pelas mães deste estudo, obtendo mais respostas das crianças. No uso da música, um estudo³⁰ também demonstra que ela potencializa a interação, especificamente o olhar e a atenção compartilhada. O olhar da mãe para a criança é uma estratégia utilizada desde os primeiros momentos de interação da vida da criança. Como a mãe geralmente é a principal interlocutora do bebê desde os primeiros meses de vida, ela usa vários modos enunciativos para interagir com seu filho²⁶. Um desses modos é o olhar, além dos gestos, expressão facial, corporal e a fala para interagir com o bebê.

Conclusão

Os resultados mostram os modos enunciativos que as mães utilizam com as crianças com TEA, com oralidade restrita, usuárias de CSA, neste estudo. Os modos que favorecem mais respostas das crianças foram: ser flexível (mudando e/ou adaptando a forma/conteúdo dirigido a criança); presumir competência (atribuindo significado às outras manifestações linguísticas) e persistir na interação (olhando para a criança); engajando e interagindo, (utilizando a música como incentivo) e ser paciente (aguardando e interpretando a resposta da criança no tempo dela).

Os modos enunciativos que as mães mais utilizam, nesta pesquisa, correspondem aos que promoveram mais respostas nas crianças. Esse fato se justifica pela hipótese de que o suporte fonoaudiológico oferecido às mães, resulta em maior conscientização quanto aos modos que favorecem (ou não) a linguagem de seus filhos.

Observa-se que não há na literatura, até o nosso conhecimento, estudos acerca dos modos de interação linguística das mães com crianças com TEA, com oralidade restrita, usuárias de CSA, reafirmando a importância dos achados, embora os resultados não possam ser generalizados pelo tamanho da amostra estudada.

Referências

1. Souza AP. Clínica fonoaudiológica de linguagem com crianças pequenas e seus familiares. 1ª ed. Santa Maria (RS): Ed. UFSM; 2022.
2. Souza AP. Instrumentos de avaliação de bebês: desenvolvimento, linguagem e psiquismo. São Paulo (SP): Instituto Language; 2020.
3. American Psychiatric Association. DSM-5: Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais. 5ª ed. rev. Porto Alegre(rs): Artes Médicas; 2022.
4. Segeren L, Fernandes FD. Correlação entre a oralidade de crianças com distúrbios do espectro do autismo e o nível de estresse de seus pais. *Audiol Commun Res*. 2016; 21(1): 1-8. doi:10.1590/2317643120151611
5. Souza RF, Souza JC. Os desafios vivenciados por famílias de crianças diagnosticadas com Transtorno de Espectro Autista. *Perspect Dial Educ Soc*. 2021; 8(16):164-82. doi:10.55028/pdres.v8i16.10668
6. Freitas FA, Montenegro AC, Fernandes FD, Delgado IC, Almeida LN, Alves GA. Habilidades comunicativas em crianças com transtorno do espectro autista: percepção clínica e familiar. *Rev. CEFAC*. 2021; 23(4): 1-12. doi:10.1590/19820216/20212341521
7. Vogindroukas I, Stankova M, Evripidis-Nikolaos C, Proedrou A. Language and speech characteristics in autism. *Neuropsychiatric Dis Treat*. 2022;18(1): 2367-77. doi:10.2147/NDT.S331987
8. Schlosser RW, Koul R. Advances in augmentative and alternative communication research for individuals with Autism spectrum disorder: moving research and practice forward. *Augment Altern Commun*. 2023; 39(1):2-6. doi:10.1080/07434618.20232181214
9. Kent-Walsh J, McNaughton D. Communication Partner Instruction in AAC: Present Practices and Future Directions. *Augment Altern Commun*. 2005; 21(3):195-204. doi:10.1080/07434610400006646
10. Martins S, Augusto C, Silva M, Duarte A, Martins F, Rosário R. Parentalidade positiva e a sua relação com o desenvolvimento socioemocional em crianças. *Revista de estudos e investigación em Psicología y Educación*. 2022; 9(0):118-31. doi:10.17979/reipe.2022.9.0.8908
11. Kent-Walsh J, Kimberly AM, Melissa DM, Binger C. Effects of Communication Partner Instruction on the Communication of Individuals using AAC: A Meta-Analysis. *Augment Altern Commun*. 2015; 31(4): 271-84. doi:10.3109/0743461820151052153
12. AssistiveWare B.V. Communication partner skills for AAC learners [Internet]. Amsterdam: AssistiveWare [acesso em 2025 mar]. Disponível em: <https://www.assistiveware.com/learn-aac/build-communication-partner-skills>
13. Rabeyron T, Del Canto JPR, Carasco E, Bisson V, Bordeaux N, Vrait FX, et al. A randomized controlled trial of 25 sessions comparing music therapy and music listening children with autism spectrum disorder. *Psychiatry Res*. 2020;1-24. doi:10.1016/j.psychres.2020113377.
14. Mayer-Benarous H, Benarous X, Vonthron F, Cohen D. Music therapy for children with autistic spectrum disorder and/or other neurodevelopmental disorders: a systematic review. *Front. Psychiatry*. 2021;12(6):1-21. doi:10.3389/fpsyt.2021643234
15. Cruz FM, da Guerra ACLG, Tamanaha AC, Perissinoto J. Ações corporificadas e construção de turnos em uma interação entre terapeuta e criança com Transtorno do Espectro Autista (TEA). *Cad. Estud. Lingüíst*. 2021; 50(1): 126-143. doi: 10.21165/elv50i12912
16. Freitag RM Ka, Tejada J. Efeitos das máscaras faciais na interação e a compensação na fala. In: Freitag RMK, Araújo SSF, Dias VC, organizadores. *Desafios para a pesquisa em sociolinguística*. São Paulo (SP): Editora Capes; 2022; p.71-82. doi:10.5151/97865555015440482.
17. Wittenburg P, Brugman H, Russel A, Klassmann A, Sloetjes H. ELAN: a professional framework for multimodality research. In: *Proceedings of the Fifth International Conference on Language Resourcer and Evaluation*; 2006 May 24-26; Genoa, Italy. Genoa: European Language Resources Association; 2006 [acesso em 2020 abr 24]. Disponível em: <http://www.lrec-conf.org/proceedings/lrec2006/pdf/153.pdf>.
18. Campos CJG; Turato ER. Content analysis in studies using the clinical-qualitative method: application and perspectives. *Rev Lat Am Enfermagem*. 2009;17(2): 259-64. doi:10.1590/s010411692009000200019
19. Massaro M, Deliberato D, Tetzchner S. Parceiros de Comunicação em Pesquisa Internacional acerca da Comunicação Suplementar e Alternativa. In: Chun RY, Reily L, Moreira EC, Varela RC, Daíney D, organizadores. *Diálogos na diversidade e o alcance da Comunicação Alternativa*. Timburi (SP):Cia do eBook; 2019.p. 213-24.
20. Chun RYS, Mingrone R, Moreira EC, Montenegro AC, Marques JMM, Borges MA. Parceiros de Comunicação na CSA/CAA: reflexões da equipe de trabalho, conceitos e perspectivas. In: Deliberato D, Ferreira-Donati GC, Montenegro ACA, organizadores. *Fonoaudiologia na Comunicação Alternativa: Compartilhando Saberes*. São Paulo (SP): A Barros Editora; 2023.p.120-35.
21. Chun RYS, Nobre GLS, Maia ANW, Lobrigate KE, Viegas-Bennett L, Miller C, et al. Projeto de Cooperação Internacional Brazil Communication Kids: Linguagem, interação e desenvolvimento motor de crianças com síndrome congênita do vírus Zika de uma região metropolitana de Salvador. In: Chun RYS, Reily L, Moreira EC, Varela RC, organizadores. *Diálogos na diversidade e o alcance da Comunicação Alternativa*. Timburi (SP): Cia do eBook; 2019.p.183-98.
22. Donato C, Spencer E, Arthur-Kelly M. A critical synthesis of barriers and facilitators to the use AAC by children with autism spectrum disorder and their communication partners. *Augment Altern Commun*. 2018; 34(3): 242-53. doi:10.1080/0743461820181493141
23. Oliveira AKS, Lima RFL. Multimodalidade nas práticas sociais de crianças autistas no processo de aquisição de linguagem. *Entrepalavras*. 2022; 12(3): 374-97. doi:10.22168/2237632132552
24. Barros IBR, Fonte RFL, Souza AFR. Ecolalia e gestos no autismo: reflexões em torno da metáfora enunciativa. *Forma y Función*. 2020; 33(1): 173-89. doi:10.15446/fyf.v33n184184

25. Doak L. Rethinking family (des)engagement with augmentative & alternative communication. *J Res Espec Educ Necessidades*. 2021; 21(3): 198-210. doi:10.1111/1471380212510
26. Ferreira-Donati GC, Andrade MC, Moreira EC. Comunicando em família - reflexões e experiências em comunicação suplementar e alternativa. In: Deliberato D, Ferreira-Donati GC, Montenegro ACA, organizadores. *Fonoaudiologia na Comunicação Alternativa: Compartilhando Saberes*. São Paulo (SP): A Barros editora; 2023.p.136-49.
27. Coburn KL, Jung S, Ousley CL, Sowers DJ, Wendelken M, Welkenson K. Centering the family in their system: a framework to promote family-centered AAC services. *Augment Altern Commun*. 2021; 37(4): 229-40. doi:10.1080/07434618.2021.1991471
28. Pereira JEA, Santos ACFS, Leite GA, Xavier IALN, Montenegro AC. Habilidades comunicativas no autismo. *Distúrb Comun*. 2022; 34(2):1-10. doi:10.1590/2317643120202442
29. Sugahara MK, Silva SC, Scattolin M, Cruz FM, Perissinoto J, Tamaha AC. Estudo exploratório sobre análise multimodal da atenção compartilhada. *Audiol. Commun Res*. 2022; 27(3):1-5. doi:10.1590/2317-6431-2020-2447
30. Santos FC. Análise multimodal dos marcadores interacionais e de linguagem de crianças com Transtorno do Espectro do Autismo em sessões de musicoterapia [dissertação de mestrado]. São Paulo (SP): Universidade Federal de São Paulo, Programa de Pós-graduação em Distúrbios da Comunicação Humana; 2023.



Esta obra está licenciada com uma Licença Creative Commons Atribuição 4.0 Internacional, que permite o uso irrestrito, distribuição e reprodução em qualquer meio, desde que a obra original seja devidamente citada.